

A ORIGEM DAS ESPÉCIES  
DE DARWIN

## LIVROS QUE MUDARAM O MUNDO

A BÍBLIA

Karen Armstrong

O CAPITAL DE MARX

Francis Wheen

O CORÃO

Bruce Lawrence

OS DIREITOS DO HOMEM DE THOMAS PAINE

Christopher Hitchens

ILÍADA E ODISSÉIA DE HOMERO

Alberto Manguel

A ORIGEM DAS ESPÉCIES DE DARWIN

Janet Browne

O PRÍNCIPE DE MAQUIAVEL

Philip Bobbitt

A REPÚBLICA DE PLATÃO

Simon Blackburn

A RIQUEZA DAS NAÇÕES DE ADAM SMITH

P.J. O'Rourke

SOBRE A GUERRA DE CLAUSEWITZ

Hew Strachan

Janet Browne

A ORIGEM DAS ESPÉCIES  
DE DARWIN

| *uma biografia* |

Tradução:  
Maria Luíza X. de A. Borges

 **ZAHAR**  
Jorge Zahar Editor  
Rio de Janeiro

Título original:  
*Darwin's Origin of Species*  
(*A Biography*)

Tradução autorizada da primeira edição inglesa, publicada em 2006 por Atlantic Books, um selo da Grove Atlantic Ltd., de Londres, Inglaterra

Copyright © 2006, Janet Browne

Copyright da edição brasileira © 2007:  
Jorge Zahar Editor Ltda.  
rua México 31 sobreloja  
20031-144 Rio de Janeiro, RJ  
tel.: (21) 2108-0808 / fax: (21) 2108-0800  
e-mail: [jze@zahar.com.br](mailto:jze@zahar.com.br)  
site: [www.zahar.com.br](http://www.zahar.com.br)

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Capa: Sérgio Campante

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

---

B898o Browne, E. J. (E. Janet), 1950-  
"A Origem das Espécies" de Darwin : uma biografia /  
Janet Browne; tradução de Maria Luiza X. de A. Borges.  
— Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

(Livros que mudaram o mundo)

Tradução de: *Darwin's Origin of Species: (a biography)*  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-85-7110-998-8

1. Darwin, Charles, 1809-1882. A origem das espécies.  
2. Evolução (Biologia). 3. Naturalistas – Inglaterra – Biografia. I. Título. II. Série.

07-1776

CDD: 575  
CDU: 575.8

---

# Sumário

Introdução 9

**1** | O Começo 27

**2** | “Uma Teoria com que Trabalhar” 54

**3** | A Publicação 76

**4** | Controvérsia 115

**5** | Legado 128

Conclusão: O Legado de Pain 139

*Observação sobre Diferentes Edições* 163

*Notas* 165

*Fontes Bibliográficas e Leituras Complementares* 168

*Agradecimentos* 171

*Índice Remissivos* 172

## Introdução

**A** *origem das espécies*, de Charles Darwin, é certamente um dos mais importantes livros científicos já escritos. No entanto, não se ajusta ao estereótipo comum do que entendemos hoje por ciência. Tem um estilo maravilhosamente pessoal, não possui gráficos ou fórmulas matemáticas, nenhuma referência a figuras de jaleco branco num laboratório, sua linguagem não é especializada. Os anos que antecederam à publicação foram cheios de contratemplos inesperados, encontros casuais, intensa emoção e controvérsia. A edição foi toda vendida aos livreiros no dia em que foi lançada, e as discussões que o livro desencadeou rapidamente se disseminaram, criando entre o público o primeiro debate científico internacional da história. Os leitores atacavam-no ou elogiavam-no, esforçando-se para harmonizar suas arraigadas convicções religiosas com as novas e perturbadoras idéias do autor.

Desde o início a obra foi reconhecida como notável contribuição à cena intelectual, ampla no alcance, acurada e repleta de dados em apoio às sugestões. Ao mesmo tempo era criticada de modo apaixonado por propor que todos os organismos vivos haviam se originado em processos inteiramente naturais. Macacos ou anjos, Darwin ou a Bíblia, estes foram tópicos candentes para as pessoas que, na Inglaterra, viveram no período vitoriano. Várias dessas questões continuam vivas até hoje. De fato, a controversa acolhida de *Origem das espécies* nunca foi relegada ao mundo por vezes esotérico e frio da ciência. Sua história, sob muitos aspectos, é a história do mundo moderno.

Da nossa perspectiva atual, é claro, o papel de Darwin como um dos responsáveis pelo nosso tempo nunca foi mais evidente. Seus trabalhos puseram em xeque tudo o que se havia pensado antes sobre os seres vivos e tornaram-se um fator decisivo nas transformações intelectuais, sociais e religiosas ocorridas no Ocidente durante o século XIX. Com o tempo, Darwin se transformou em um dos mais famosos cientistas de sua época, uma celebridade vitoriana cuja obra, mesmo durante sua vida, foi considerada uma pedra fundamental do mundo moderno.

Somos descendentes de macacos? Devemos abandonar a história de Adão e Eva e ver nossa existência neste mundo como algo sem sentido, pouco mais que uma existência animal? Não se travava apenas de discutir a verdade literal da Bíblia. Pouca gente, mesmo àquela época, acreditava no jardim do Éden como um lugar de verdade. O fato era que Darwin parecia expulsar por completo o divino do mundo ocidental,

pondo em dúvida tudo que até então se acreditava sobre a alma humana e nosso sentido de moralidade. Se não deviam mais prestar contas a Deus, o Criador. Estavam os seres humanos livres para fazer o que quisessem, sem qualquer restrição moral? “Pode-se acreditar que um nabo se esforça para se tornar um homem?”, indagou Samuel Wilberforce, bispo de Oxford, em 1860. O público em geral supunha que Darwin havia assassinado a idéia de Deus, e certa vez, de brincadeira, ele se intitulou “o capelão do diabo”.

Retrospectivamente, é comum rotular aqueles tempos conturbados como a “revolução darwiniana”. Essas palavras em geral vêm acompanhadas de uma advertência, pois hoje está claro que muitos dos temas abordados por Darwin não eram novos para ele nem para seus leitores. Mesmo assim, o rótulo conserva muito de seu significado na mente do público. Como tantas vezes acontece, um homem e um livro passaram a representar uma transformação enorme no pensamento. Desde a morte de Darwin, porém, o impacto das idéias evolucionárias oscilou, aumentando e diminuindo, por vezes, paradoxalmente, ao mesmo tempo.

Assim, no final do século XIX e início do XX, quando os imperativos evolucionários da competição e do progresso se expressavam na esfera social por meio da expansão imperial, da livre empresa e das doutrinas eugênicas, e o termo “sobrevivência dos mais aptos” estava em todos os lábios, parecia a muitos biólogos que o aspecto científico do darwinismo era inteiramente incompatível com a genética, então em seus primórdios. De novo de maneira paradoxal, nas décadas de 1930 e 1940, exatamente quando vários biólogos de vanguar-

da esperavam produzir uma “nova síntese evolucionária”, houve forte apoio a sistemas rivais baseados em idéias ambientalistas da herança de características atávicas. Em 1925, o chamado “juízo do macaco”, em Dayton, no Tennessee – em que o político fundamentalista William Jennings Bryan moveu uma ação contra o professor de ciência John Scopes, acusado de ensinar ilegalmente a teoria da evolução, defendido pelo agnóstico Clarence Darrow –, foi um divisor de águas nas relações entre ciência e religião. Durante algum tempo tornou-se ilegal ensinar o pensamento darwinista nas escolas do Tennessee.

No início do século XX, as idéias de Darwin tiveram mais destaque que nunca, embora as discussões continuassem acaloradas como sempre. Transformada pela moderna compreensão da hereditariedade, e refinada de mil maneiras diferentes à medida que o conhecimento avança, a noção de seleção natural é a pedra angular da maior parte do pensamento biológico em todo o planeta. Os paleontólogos reconstituem as extinções em massa e as explosões transformadoras a partir dos registros fósseis; os estudos moleculares lançam luz sobre as origens e a difusão dos primórdios da humanidade; os genes são considerados a chave essencial para a compreensão do comportamento humano e até do funcionamento da mente.

Essas idéias geram, é claro, um intenso debate. Levantam-se críticas à sociobiologia e à tendência a reduzir tudo à ação de genes “egoístas”. Os filósofos sugerem que a teoria da seleção natural é uma forma inválida de conhecimento, não passível de prova demonstrável. As pessoas comuns contemplam a competição comercial desenfreada e as políticas eco-

nômicas exploradoras à sua volta e se perguntam se o altruísmo foi alguma vez um traço humano básico. Os criacionistas modernos contestam os argumentos usados em apoio à evolução e reivindicam espaço equivalente no currículo escolar para a história cristã da criação. Em levantamento realizado pelo *New York Times* em novembro de 2004, 55% dos entrevistados disseram acreditar que Deus criou os seres humanos na sua forma atual.

Darwin reconhecera muitos desses desenvolvimentos. Não foi, contudo, nenhum radical ateu empenhado em derrubar tudo que conhecia. Era uma figura bastante respeitável, o tipo de homem que provavelmente julgaríamos incapaz de publicar um texto de tão grande alcance. Nunca se sentiu presa de idéias heréticas como o físico e astrônomo italiano Galileu Galilei. Não se fizeram efígies suas de palha para serem queimadas pelos aldeões ingleses, como o revolucionário político Thomas Paine. Não foi acusado de sacrilégio pelos tribunais eclesiásticos, como o bispo Colenso. Não houve distúrbios antidarwinistas. Ao contrário, Darwin foi enterrado na abadia de Westminster, em Londres, em 1882, como um dos mais reverenciados cientistas da nação: “O maior inglês desde Newton”, disse o *Times*.

De fato, algo notável na chamada revolução darwiniana é o modo como aquele homem que ficou no centro da borrasca foi amplamente aplaudido em termos pessoais. Isso talvez possa ser associado, em grande parte, à ascensão da ciência como traço dominante da sociedade vitoriana. Também pode se vincular à difusão de valores econômicos e políticos da classe média da época. Apesar de toda a controvérsia, talvez devamos

dizer algo sobre a tendência de Darwin a se manter ao largo da rixa.

Ele detestava o bate-boca das divergências públicas, mesmo admitindo que a ciência progride em geral graças ao debate e à discussão. Preferia muito mais ser um homem do campo, trabalhando com indolência no seu jardim em Kent. Gostava de escrever cartas, ver os amigos e realizar pequenos experimentos de história natural na estufa ou no gabinete. Sob alguns aspectos, poderia ter saído de um romance de Anthony Trollope: um homem alto, sereno e agradável, com expressão modesta e confiável, bastante envolvido com seu trabalho e sua família, e comprometido com a idéia de verdade científica. Ocasionalmente, como muitos cavalheiros vitorianos, era afligido por problemas estomacais e males misteriosos. Bom *pater familias* vitoriano, cultivava uma barba comprida, mantinha os olhos atentos em seus investimentos e amava a mulher e os filhos. De modo surpreendente, contava vários vigários entre seus parentes e conhecidos mais próximos. Gostava tanto de ser viajante, marido, pai, amigo e patrão quanto de ser naturalista e pensador.

Acima de tudo, Darwin foi indiscutivelmente um autor. Quando idoso, rememorando as discussões em que se envolvera, reconheceu com pesar o modo como *A origem das espécies* havia dominado aquele tempo. “É sem dúvida a principal obra de minha vida”, escreveu na *Autobiografia*. “Foi a primeira a ser extremamente bem-sucedida.”

O livro de Darwin, com o título de *Sobre a origem das espécies por meio da seleção natural, ou a preservação de raças favorecidas na luta pela vida*, foi publicado em Londres pela

editora de John Murray em 24 de novembro de 1859. Era um volume de aspecto bastante comum, encadernado em encorpado tecido verde, com 502 páginas e o preço, um pouco salgado para o mercado de livros vitoriano, de 14 xelins – mais que o salário semanal de um operário naquela época. Não continha nenhuma ilustração atraente de história natural, nenhum porco ou vaca com *pedigree* decorava a capa, nem mesmo uma cena pré-histórica no frontispício, como poderia haver hoje em um livro sobre evolução. O ar modesto convinha perfeitamente ao autor. “Estou infinitamente satisfeito e orgulhoso com o surgimento de meu filho”, disse Darwin a Murray quando o primeiro exemplar chegou a Yorkshire, onde ele fazia hidroterapia. “Estou muito contente por sua bondade de empreender a publicação do meu livro.”

Essas palavras tranqüilas ocultavam um sem-número de dramas anteriores e muita agitação que ainda estava por vir.